

Globethics Repository



Repertórios de uma Militância Ecumênica [Repertoires of an Ecumenical Advocacy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Silva Iulianelli, Jorge Atilio
Publisher	Universidade Federal de Juiz de Fora
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-07-15 20:48:21
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/220136

Repertórios de uma Militância Ecumênica - um Sábio Coração Voador

*Jorge Atilio Silva Iulianelli**

Resumo

Este ensaio oferece uma interpretação de aspectos da obra teológica de Zwinglio Dias, em especial seus conceitos de ética da mutualidade, comunidade precária e ecumenismo. O conceito de ecumenismo de Zwinglio rompe com as concepções tradicionais e unívocas de unidade dos cristãos. Além disso, a perspectiva ecumênica do autor inclui uma dimensão crítica aos modos de produção hegemônico em nosso sistema-mundo, a saber, o Capitalismo, e propõe a possibilidade de experiências religiosas capaz de promover atitudes libertárias e emancipatórias.

Palavras-chave: *Zwinglio Dias, ética da mutualidade, ecumenismo.*

Abstract

This essay offers an interpretation of aspects of Zwinglio Dias theological work, especially its ethical concepts of mutuality, fragile community, and ecumenism. The Zwinglio's conception of ecumenism broke with traditional concepts and unambiguous unity of Christians. Furthermore, his ecumenical perspective includes a critical dimension to the hegemonic mode of production in our world-system, namely, Capitalism, and suggests that it is possible for some religious experiences to promote libertarian attitudes and emancipation.

Keywords: *Zwinglio Dias, ethics of mutuality, ecumenism.*

* Doutor em filosofia pela UFRJ. Professor do PPGF da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Assessor de KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço, co-autor de livros com Zwinglio Dias. E-mail: atilioiulianelli@click21.com.br

Introdução

O fazer humano é o fazer-se, e neste empenho há sempre que buscar as trilhas, os rumos, as sendas pelas quais o caminhar nos permite autenticidade e ousadia. Num processo em que os intelectuais se dedicam à submissão e subordinação, próprios da cultura mimética de países periféricos, é difícil encontrar intelectuais autênticos e ousados. Criar é algo muito difícil. Aceitar os padrões e submeter-se às regras da *copiadura* é sempre tentador. Por outro lado, ter clareza da relevância da roda já inventada é fundamental. O ato criativo não pode e nem deve, ser estúpido. Aliás, os gregos já criaram um termo para essa atitude estúpida, *idiotia*, não olhar para nada fora do círculo concêntrico, não aceitar, nem buscar, a excentricidade, a alteridade, querer o si-mesmo, em suma, ser um idiota. Aceitar este risco duplo, criar e não desprezar os legados existentes, é parte da tarefa que os sábios — não os eruditos — empreendem.

Considero bela a distinção entre sábios e eruditos que faz Alceu de Amoroso Lima. Para ele, o erudito é aquele capaz de aprender, acumular informações e até se formar com o conjunto de saberes que adquire ao longo da existência. O erudito se considera brilhante. Em geral, tem mesmo muito saber. Porém, é um saber só seu, saber que não partilha, saber que acumula e guarda em função de seu prazer próprio. O sábio, diferente daquele, aprende, também, de todas as fontes, até do próprio coração. Como um beija-flor é todo coração que toma o néctar das flores, e com isso as poliniza. Esse coração partilha beija-flor, o sábio, é alguém que está aberto à experiência amorosa da incompletude do ser-mais, como nos fala Paulo Freire. Esse ser-mais que é sempre um viraser porque jamais se completa, como diz num belo ensaio Milan Kundera, esse esboço que é o humano, ou ainda, como ele diz, esboço impróprio, inadequado, porque jamais chegará à arte final.

O apostrofo de sábio bem serve a Zwinglio Dias, nesta acepção que nos dá o Amoroso Lima deste termo. Afinal, nestes

setenta anos de existência de Zwinglio Dias, ele nos dá sobejas comprovações de que os beija-flores têm a dignidade dos corações que voam, sorvem bons néctares, polinizam mentes e nos fazem participar generosamente deste amor criativo. Não apenas um sábio, mas um sábio insubordinado e criador de insubordinações. Por isso mesmo uma mente rebelde e atenta ao mundo e às suas transformações constantes. Uma mente que não se priva do diálogo interdisciplinar, conquanto a teologia (na sua formulação histórica no Cristianismo ocidental) seja sempre esta experiência intelectual interdisciplinar, em diálogo com a filosofia e as ciências sociais e com todo o saber humano.

Nessas próximas linhas irei tecer alguns comentários sobre um aspecto da obra de Zwinglio, a saber, o caráter éticopolítico de sua eclesiologia. Ele formula uma eclesiologia militante (ou confessante, como algumas vezes ele mesmo afirma). Uma eclesiologia ecumênica e por isso, na formulação que herda da experiência do Conselho Mundial de Igrejas, construída na perspectiva do pluralismo religioso — ou seja, uma teologia excêntrica, no sentido de não confirmar-se em si mesma. Porém, a eclesiologia militante e confessante de Zwinglio é incompreensível sem notar a construção biográfica dele — ainda que pudéssemos por isso incorrer na falácia genética: dizer que a teologia de Zwinglio se explica por sua trajetória pessoal exclusivamente. Nossa intenção ao aludir à biografia de Zwinglio Dias é mais para fazer notar como alguns aspectos de seu pensamento político-teológico são fincados, *comme il faut*, nas raízes existenciais deste pensador.

A obra de Zwinglio é multiforme. Há anos ele tem demonstrado que une a verve do investigador incansável com o brio do homem comprometido com o seu tempo. Parafraseando o também mineiro Drummond, poderíamos dizer que quando o Zwinglio nasceu veio um anjo e disse, *vai Zwinglio, vai ser gauche na vida*. E assim ele se tem feito gauche. Um homem de seu tempo que o vive com intensidade. Realiza com intensidade o caminho dos amores, da política, da reflexão e, sobretudo, da convivialidade. Sua obra retrata tais comprometimentos. Desde

uma eclesiologia de um protestantismo inculturado à América Latina, obra de seu doutorado — e, também, de seus anos de labor com *Iglesia y Sociedad para América Latina* (ISAL); até sua leitura sobre as dimensões ecumênicas da missiologia, passando por sua leitura dialética de uma teologia ecumênica dos direitos humanos. Nos últimos anos Zwinglio se dedica a investigações sobre a teologia das religiões e o pluralismo teológico protestante.

Tenho o privilégio de partilhar com ele mais de vinte anos de trabalho comum. Conheci-o no Centro Ecumênico de Documentação e Informação, no qual ele era o Secretário Geral. Com ele participei da fundação de *KOINONIA — Presença Ecumênica e Serviço*, na qual, juntamente com companheiros igualmente comprometidos com a contribuição ecumênica para a radicalização da democracia no Brasil e no mundo, temos vivido intensas experiências educacionais e pastorais. Também tive o privilégio de partilhar por um curto período do espaço acadêmico do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Religião, da UFJF, no qual fui Professor Substituto. Porém, nossa experiência profissional permitiu um prolongamento em uma profícua amizade, da qual tenho o privilégio de testemunhar em diferentes ocasiões. Como num culto natalício, celebrado na Igreja Presbiteriana Unida, da Vila Proletária da Penha, no qual tive o prazer de ser convidado a proferir a homília comemorativa. E ainda agora, neste convite a escrever na revista *Numen* uma especial reflexão sobre Zwinglio Dias.

Minhas notas seguem um rumo particular. Destacarei alguns aspectos éticos da obra de Zwinglio Dias, buscando evidenciar três elementos que me parecem fundamentais. Primeiramente, seu diálogo com Emanuel Lévinas, o filósofo do rosto e da alteridade, e sua releitura latinoamericana a partir daquela obra fenomenológica. Além disso, destacarei dois outros elementos, sua resposta de uma teologia da libertação — que dialoga sobretudo com Rubem Alves e Juan Luis Segundo. Finalmente, indicarei alguns elementos do que me parece ser uma ética calvinista latino-americana e me permitirei alguns devaneios sobre o diálogo que esta abordagem

permite com a ética do discurso, como proposta por Jürgen Habermas. Desenvolverei este percurso me detendo previamente em algumas observações biográficas, que me parecem pertinentes, e depois oferecendo minhas observações hermenêuticas. Como já nos alertam Barthes e Todorov, a obra de um autor está sempre longe de ser autoral quando inicia a ser interpretada. Por isso, peço minhas desculpas ao Zwinglio se o que digo escapa muito do que ele pretendia afirmar com seus textos, porém ofereço aos leitores do texto do Zwinglio uma chave de leitura que pode ser reveladora de detalhes intrigantes de seus trabalhos.

1. Um Coração Voador Repleto de Sabedoria

1.1. Quando nasci veio um anjo safado e disse, vai Zwinglio (Carlos), ser gauche na vida...

Passa Quatro, MG, não estava preparada para receber tanta ousadia, é terra dos Dias e terra, também, do José Dirceu, contemporâneo do Ivan e do Zwinglio Dias. Ivan e José Dirceu foram militantes da esquerda brasileira nos anos de chumbo. Zwinglio, também, ao seu modo. Ele, que desejava ser engenheiro aeronáutico – sempre sonhou com as coisas do céu –, terminou por entregar-se aos estudos teológicos numa comunidade protestante. O protestantismo mineiro é mesmo um fenômeno legitimamente protestante, porque não há nada mais católico que o povo mineiro, não é?!: Nossa! E este protestantismo do qual Zwinglio recebeu o legado estava incrustado em sua família há mais de uma geração. Daí o nome de reformador que recebeu. Por outro lado, as raízes da esquerda nativa e sua proximidade dos setores intermediários da sociedade brasileira legaram ao irmão mais velho dele uma homenagem a Lenin, o nome Ivan. Relato isso a partir de minhas impressões de interpretações do processo que me foram oferecidas por Zwinglio.

Ele conviveu com a experiência da formação de uma maneira muito intensa e num momento de invenção da

formação teológica nos seminários protestantes brasileiros. Foi aluno de Rubem Alves no seminário de Campinas. Concluiu a formação teológica no Instituto Superior Evangélico de Teologia (Isedet, Buenos Aires), e retornou ao Brasil para ser pastor presbiteriano, da Igreja Presbiteriana do Brasil, logo no início do Golpe Militar. Porém, se formara em uma tradição ecumênica. Tinha a verve e um empenho em envolver jovens pastores e leigos com as transformações da sociedade brasileira. Bebia do legado do processo de construção do Setor Social da Confederação Evangélica do Brasil, que construía a Conferência do Nordeste. Essa foi uma conferência que recebeu por título *Cristo e o processo revolucionário brasileiro*. Com ela se abria o diálogo dos setores progressistas protestantes com a esquerda brasileira, como, por exemplo, com Celso Furtado, que assessorou discussões econômicas na citada conferência.

O fato é que a relação entre o ensino filosófico e teológico, no universo presbiteriano daquele período no Brasil, se intensificava. Estamos entre os finais da década de 1950-1960. Este momento de ebulição nacional vai criar a necessidade de que jovens intelectualizados formulem suas opções políticas em um ambiente de acirramento e disputa. Ivan Dias estará entre os que irão optar pela luta radical em favor da democracia por meio do enfrentamento direto da ditadura. Zwinglio Dias estará entre os que optarão pelo caminho da formação popular, também por meio da mudança da consciência religiosa. Ao final deste processo, ele terá ingressado e sido expulso do seminário de Campinas, assim como depois terá ido à Argentina e de lá retornado para ser ordenado pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Estes foram anos seminais, nos quais a experiência teológica protestante na América Latina estava buscando um modo de construção de sua identidade. A consolidação da experiência protestante na região levou a uma constatação. Havia uma dissociação entre as identidades culturais nacionais e o protestantismo. Aliás, isso era percebido pelo avanço do

pentecostalismo clássico, que respondia, por exemplo, à alma brasileira, por meio de sua inserção nos setores populares. Por outro lado, era um momento no qual a juventude protestante assumia como próprio o projeto ecumênico. Para os jovens protestantes brasileiros, como o Zwinglio, emergia ainda mais um desafio: fazer-se protestante e ecumênico com vistas à radicalização democrática no Brasil — o que à época respondia pelo termo: reforma! (as reformas de base).

1.2. Das Reformas de Base à Ditadura e ao Exílio

Vale notar que os setores de juventude das igrejas protestantes, por meio da Confederação Evangélica Brasileira, através de seu departamento de missões, no qual atuavam Waldo César, Jether Ramalho e Carlos Cunha, encaminhavam a *Conferência do Nordeste*, na qual se estabelecia diálogo entre setores protestantes e a intelectualidade de esquerda brasileira, como Celso Furtado e Werneck Sodré. Essa situação ocorre no período preparatório do que veio a ser o Golpe Militar no Brasil. Zwinglio vivencia todo esse turbilhão como ator e autor de muitos processos. Um dos órgãos importantes para a veiculação de ideias e propostas *izquierdosas y protestantes* era a revista *Cristianismo y Sociedad*, publicada por ISAL.

Como pastor, compreendeu o ecumenismo como uma ação para tornar a vida de todas e todos melhor. No início do pastado, na Igreja Presbiteriana da Penha, realizou uma ação ecumênica, junto com a Igreja Metodista da Penha: reuniu os jovens para uma evangelização pública. A evangelização pública consistia em limpar a passagem subterrânea da linha de trem, para criar a consciência do ágape cristão, do estar-a-serviço-de, assim como para mostrar às pessoas que não eram daquelas comunidades cristãs que havia uma forma de estar a serviço sem exigências. Essa atitude destoava das noções de evangelismo até então (?) presentes nas igrejas cristãs (inclusive na igreja romano-católica).

A inclusão do nome de Ivan Dias, irmão de Zwinglio, na lista de procurados pela repressão, durante o regime ditatorial, levou as forças da repressão a deterem Zwinglio para interrogatório. Ele comenta sempre esse episódio com muita humildade e sabedoria, sabe notar que diante de tanta atrocidade que o regime desenvolveu, ele fora poupado. Afirma: *recebi apenas uns tapinhas*. Além de ter sido submetido à tortura física, Zwinglio ficou detido nas cleas do DOI-CODI. Sua relação com os outros detentos foi muito intensa, todos estavam preocupados, como ele e o irmão, com a redemocratização do Brasil e a socialização dos bens socialmente produzidos.

Há uma estória muito rica desse episódio referente à Eucaristia. Quando finalmente Zwinglio estava para ser liberado, todos os outros detentos ficaram sabendo. Durante o período de detenção eles conversavam sobre a esperança, a boa nova libertadora, a possibilidade de uma religião que não fosse reforçadora da opressão e da subordinação. Naquele momento, os outros detentos lhe pediram, como pastor, que *celebrasse uma missa*. Não havia pão e vinho, ele pediu que os eclesianos da Penha trouxessem bíblias e livros de canto, e havia pipoca e suco de uva, e assim se celebrou, nas palavras de Zwinglio, *a mais verdadeira eucaristia, uma ação de graças pela vida*.

Os anos de chumbo apertaram muito a vida de Zwinglio tornando perigosa a permanência dele no Brasil. Estava casado com uma uruguaia, tentou ir para Buenos Aires, para atuar no escritório de *Cristianismo y Sociedad*. Numa determinada tarde, havia três pessoas no escritório e ele decidiu tomar café. Convidou os amigos, um deles decidiu permanecer no escritório. Enquanto estava ele e a outra pessoa no café, chegaram os carros da ditadura, pararam diante do escritório, detiveram o companheiro que ficou no escritório. O café os salvou! Salvo pelo café, tinha que pensar em uma nova estratégia de fuga, e foi para a Alemanha. Foi com sua primeira mulher e lá criou boa parte da infância de seus dois primeiros filhos, Rodrigo e Ivan.

Iniciativas como esta marcaram a reflexão que Zwinglio desenvolveu em sua tese e depois resgatada em sua obra *Desafio de ser igreja*. O retorno da Alemanha o levou a dois caminhos. Na perspectiva acadêmica, juntamente com Leonardo Boff, foi um dos primeiros teólogos a terem reconhecido pelo MEC o diploma de doutorado em Teologia. Foi aprovado em concurso público e tornado professor do departamento de Ciência da Religião da UFJF. Quase ao mesmo tempo foi alçado à Secretaria Geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, o Cedi. Centro, aliás, que foi fundador, juntamente com Paulo Ayres, Elter Dias Maciel, Breno Schünemann, Jether Ramalho, Carlos Cunha, Domício Proença, dentre outros, nascido como Centro Evangélico de Informação e depois transmutado em Centro Ecumênico de Informação, ainda na década de 1960. Quando em 1970 retornou do autoexílio reencontrou-se com a experiência seminal e avançou para um projeto que incluía ecumenismo e educação popular, com assessoria aos processos de fortalecimento da sociedade civil nas lutas operárias, camponesa e dos direitos étnicos. A luz dos direitos humanos iluminava esta iniciativa singular.

Em Hamburgo, Alemanha, Zwinglio pode desenvolver uma pesquisa de doutorado sobre a eclesiologia; a igreja confessante alemã, da segunda guerra europeia — como ele se refere geopoliticamente à mesma —, foi uma fonte de inspiração. Com o título *Krisen und Aufgaben im Brasilianischen Protestantismus* (Crise e superação no protestantismo brasileiro), a tese de Zwinglio identifica como a história do protestantismo nativo é um desafio à construção de uma subcultura libertadora, num mar de dogmatismo. Superar os modelos do protestantismo importado, com os vieses do puritanismo americano e do fundamentalismo do sul dos Estados Unidos, era (?) a tarefa de um protestantismo que se quisesse ser nativo e responsável pela democratização e socialização da sociedade brasileira.

No final da década de 1970, ele regressa ao País. Os ventos da anistia sopravam, o espírito da democratização estava firme.

Com outros libertários, Zwinglio refundou organizações, como o próprio Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), do qual foi Secretário Geral. Sempre amoroso, atendeu diferentes chamados do coração, e na sua vocação encontrou outras mulheres, outros amores, casou-se com Elizandra, com ela concebeu em *corazonadas* Amadeus e Thiago, que com Rodrigo e Ivan completam sua prole... [até aqui...]. Os anos de 1980, ao alvorecer do novo século, mantiveram nosso sábio ocupado, ele teve que cooperar com a construção de respostas ao canto da sereia do pensamento único. E até aqui chegamos com essa brevíssima apreciação de uma biografia tão enriquecedora?

1.3. De Pobres e de Música

Não. Por dois motivos, primeiro que a produção de conhecimento desenvolvida seria incompreensível sem o solo santo que Zwinglio aceitou: a favela da Vila Proletária da Penha. Outro ponto elucidativo é a paixão pela música; poucos notam, porém, Zwinglio é um devotado à apreciação musical e arrisca ensaios ao piano. Muito embora, as duas dimensões pareçam estar apartadas uma da outra na biografia, elas perfazem o formato de suas inclinações éticoestéticas — porque não dizer, teológicas.

O encontro com o povo da Vila Proletária da Penha, favela carioca, do complexo da Penha, se deu a partir da valorização do papel dos empobrecidos na condução de seus destinos. Zwinglio cedeu aos apelos de membros daquela comunidade que decidiram iniciar uma congregação da igreja na qual Zwinglio se manteve pastor. Esta comunidade está ligada às lutas pela sobrevivência e de encontro de destino na Vila Proletária da Penha — haveria muito que relatar aqui sobre essa experiência eclesial popular protestante, porém omitirei o relato extenso em favor da interpretação do pensamento.

Dizem que Kant era um atento vivente de Königsberg, de lá ele apreciava o mundo. Certamente, para Zwinglio, Königsberg, como o lugar de observação, era a comunidade presbiteriana

da Vila Proletária da Penha. Uma comunidade de gente simples, proletários, que durante anos ocuparam um dos morros do que hoje se convencionou chamar Complexo do Alemão. Foi uma ocupação marcada por participantes do PCB. Daí advém o nome Vila Proletária da Penha. Também ligada ao histórico Curtume da Penha. Dentre aqueles operários havia diferentes lideranças, dentre as quais a liderança presbiteriana.

Como se poderia imaginar, o compromisso popular esteve aliado à busca da beleza. Como coração voador, o sábio jamais deixaria escapar que a superação da miséria, a luta em favor da justiça, a solidariedade com as pessoas em seus sofrimentos, jamais poderiam estar desvinculadas do apreço estético, do esforço por tornar mais bela a vida para todas e todos. Nisso a música tem sido aliada do compromisso político. É desse modo que podemos compreender como este menino, que agora completa sua décima *acme*, nos oferece reflexões sobre o modo de ser da igreja, o modo de ser ecumênico e o modo de ser co-responsável pelo meio ambiente e o futuro da humanidade.

2. Apreciação de uma produção de conhecimento

2.1. Algumas Notas Metodológicas

Corações que voam com sabedoria preferem alçar viagem acompanhados. Isso os leva a beber em outras fontes, não apenas nas águas plácidas do já conhecido. Não deixam de procurar inspirações, como um eterno menino curioso. Há, pelo menos, três linhas de diálogo interdisciplinar no pensamento de Zwinglio Dias. Não iremos aqui fazer senão uma indicação da metodologia teológica por ele utilizada. Uma face dessas linhas é o diálogo com a filosofia. Aliás, o diálogo com filósofos é algo que está muito presente nos textos de Zwinglio, em especial os de tradição marxiana, como Roger Garraudy, por exemplo. Encontramos citações diversas, dos mestres da suspeita (Kierkegaard, Nietzsche e Marx), de filósofos da escola de Frankfurt (Marcuse, sobretudo),

e outros pensadores contemporâneos, como os já citados Lévinas e Garaudy, também Vattimo. Seu diálogo é com o discurso existencial e ético destes pensadores. Neles busca inspiração e confirmação de suas intuições.

Qual o lugar da filosofia na construção do pensamento teológico de Zwinglio? Ofereço aqui uma apreciação impressionista e empática, mais que uma análise minuciosa do discurso teológico. Isto me permite afirmar que o cerne do pensamento teológico de Zwinglio se informa da teoria crítica, num sentido amplo do termo. Ou seja, ele não está exclusivamente em diálogo com os teóricos da Escola de Frankfurt. Porém, vários aspectos da *Ideologiekritik* estão presentes nas leituras que ele propõe. Em especial a noção de esclarecimento e emancipação como tarefas do pensamento crítico. Para ele, é tarefa fundamental da teologia identificar os discursos ideológicos que legitimam os mecanismos sociais de subordinação de mentes e atitudes. Ele cria uma construção teológica com a tarefa de des-velar a realidade; tanto no sentido de esclarecer como os discursos ideológicos se apresentam, como no de apresentar seus limites e — provavelmente menos próximo do pensamento crítico — identificar as alternativas com vistas à emancipação.

Talvez, isso explique sua aproximação à obra de Lévinas. Zwinglio tem a necessidade de nomear a dimensão da alteridade como a normatividade ética. O rosto da outra e do outro é interpelador fundamental. Toda interpelação exige uma resposta solidária e excêntrica, um sair de si, um não deixar-se cair na ipseidade, no *ensimesmamento*. Esta postura permite-lhe dialogar com o pensamento latino-americano, tanto com a filosofia da libertação, de Enrique Dussel, como também com todo o pensamento autóctone que mergulha nas profundidades das águas de nossa autodeterminação cidadã. O discurso teológico de Zwinglio guarda esse desejo de ser insubordinado desde a periferia, não caindo no mimetismo colonizador.

Além disso, guarda profundo respeito pelas ciências sociais. Em especial pela antropologia e sociologia. Zwinglio é um

rigoroso leitor da produção sociológica mundial, com especial ênfase da literatura sociológica latino-americana. Cumpre importante papel em seus escritos a sociologia da religião, sem desguarnecer das explicações mais gerais sobre os mecanismos de socialização, do mundo do trabalho e do mundo dos pobres. Tais leituras constituem um contraponto fundamental na busca de respostas ao problema da identidade eclesial para as sociedades em desenvolvimento. Suas investigações muitas vezes oferecem intuições que ainda merecem aprofundamento sociológico, como aquela a respeito da produção da acomodação por meio das práticas sócio-religiosas fundamentalistas, presentes no protestantismo e no pentecostalismo.

Finalmente, na descrição desse caleidoscópio metodológico adotado por Zwinglio, é necessário destacar sua paixão pela história. Há na investigação que desenvolve remissões aos processos genealógicos. Indica com clareza que não há na história explicações para o que se é, porque o nosso ser é sempre um fazer-se. Porém, não há explicação para o nosso fazer-se em desconexão sobre as afirmações temporárias, precárias, provisórias, da identidade. Ou seja, identifica no fazer-se histórico um elemento formador das identidades dos crentes e das instituições eclesiais — das comunidades de crença. Diferente de Toynbe, Zwinglio não adota uma filosofia da história otimista, mais ao modo de Benjamin, que adota a metáfora do Anjo de Paul Klee, ele observa a história como o acumular de malogros, porém, diferente daquele, não vê no vento impetuoso senão a porta aberta das possibilidades, ou, como diria E. Bloch, o princípio esperança.

Esse relato descritivo de tais elementos subsidiários do discurso teológico tem interesse em indicar como a metodologia teológica possui um necessário diálogo entre saberes. Ademais, conforme a produção de conhecimento por ele desenvolvida, seria inaceitável que o discurso teológico pudesse se dar exclusivamente amparado em uma tradição imutável. Daí o necessário diálogo com as fontes fundamentais

da teologia, a Palavra de Deus e suas interpretações teológicas, sem desguarnecer do olhar dirigido à vida, nas suas práticas discursivas e interpretadoras, filosófica, histórica e das ciências sociais, como um elemento fundamental para a construção de um discurso teológico pertinente e relevante. Pertinência e relevância que, na concepção manifesta nos textos de Zwinglio, apenas podem ser reconhecidas na afirmação da possibilidade de emancipação humana, como um elemento da redenção divina.

2.2. Uma Eclesiologia Confessante da Periferia ao Mundo

Nosso sábio coração voador fez uma reflexão sobre o desafio da Igreja. Uma primeira noção desenvolvida naquela obra é a igreja como comunidade humana precária. A precariedade da igreja deveria, segundo ele, ser levada a sério pelas instituições eclesiais. Na verdade, porém as instituições se creem *propulsoras* da Boa Nova (para ser otimista com esta autocompreensão). Para nosso autor, as instituições eclesiais vivem um percurso histórico por meio do qual cumprem sua missão, que é sempre parte da missão de Deus. Esta compreensão está vinculada a uma visão filosófica da história: um processo aberto, marcado pela errática capacidade humana e pela lei da entropia. Tal noção marca o pensamento de Zwinglio, que neste sentido se comprova um verdadeiro calvinista: somos todos *massa damnata* e a igreja está em constante reforma, *reformat et semper reformanda*.

Recentemente suas reflexões têm retomado o conceito calvinista de igreja *communitas conspiratio*. Essa comunidade de conspiradores atua no mundo – citação que ele toma de Calvino. Aliás, ser parte do mundo é uma das citações de Bonhoeffer que Zwinglio aprecia: *Kirche ist ein Stück Welt*. A totalidade é maior que o pedaço, e a totalidade é o mundo em sua história, da qual a Igreja participa. Daí que a igreja é questionada por todo incômodo e estímulo à vida (humana, inclusive). Como afirma Zwinglio: “Se a sustentação e a promoção da vida é uma tarefa que repousa sobre

a responsabilidade de todos os humanos, isto quer dizer que aos seguidores de Jesus não cabe nenhuma pretensão de hegemonia e, muito menos, de imposição de sua perspectiva”¹.

A igreja invisível, esta sim, é a verdadeira igreja. As experiências históricas são apenas manifestações de uma aproximação desta vocação. A igreja com suas notas fundamentais inexistente institucional e historicamente – conforme também a eclesiologia romanocatólica do Vaticano II. Porém, essa (pro) vocação incita a Igreja a buscar e realizar historicamente os compromissos fundamentais de comunidade de seguidoras e seguidores de Jesus. Como consequência, esta diacronia entre o que a igreja é e o que ela deve ser tem implicações éticas (prescritivas) para a prática das comunidades eclesiais históricas.

O ser igreja apenas é revelado na medida em que há condições de resposta, coresponsabilidade, assumida contextualizadamente. Como podemos perceber a partir de algumas notas oferecidas em um texto recente de Zwinglio²: a comunidade das seguidoras e seguidores de Jesus é intérprete (das necessidades vitais); proscrita em relação ao sistemamundo; e superadora das desigualdades. A igreja está inserida culturalmente numa sociedade, como uma agência de socialização. Esta situação sócio-antropológica lhe confere a necessidade de ser intérprete da vida.

Isso também lhe confere uma tensão dialética, ou estará pelejando em favor da vida, ou confirmará a *mercadolatria* do Capital. Exatamente esta tensão se revela como o segundo impulso ético: a dissidência e a proscrição (*communitas conspiratio*). A Igreja existe para oferecer alternativas diante das desditas impostas pelo sociometabolismo capitalista do Capital. Finalmente, estas duas forças utópicas (e éticas) dirigem a Igreja rumo à construção da igualdade, ou, mais precisamente, em favor da superação de todos os mecanismos geradores de desigualdades sociais (de gênero, raça, religião, geração, classe, etc). Esta é uma concepção que atualiza o desafio da igreja

¹ Zwinglio DIAS. *Para uma comunidade ecumênica solidária e cidadã*, p.54-55.

² Zwinglio DIAS & Faustino TEIXEIRA. *Ecumenismo e diálogo interreligioso*, p. 106-III.

como um fazer-se ante a interpelação da outra e do outro. Essa é uma inspiração que Zwinglio bebe, dentre outras fontes, da éticafenomenológica de Emanuel Lévinas.

2.3. Um Ecumenismo para um Mundo Pluralista

Para Zwinglio, ecumenismo é “o empenho por um testemunho comum da mensagem evangélica”³. Essa simples citação poderia indicar que para ele o ecumenismo estaria dirigido à unidade visível da Igreja cristã, exclusivamente. Aliás, esse é o sentido tradicional do conceito ecumenismo, a saber, busca da unidade dos cristãos. Porém, não é exatamente essa a compreensão oferecida por Zwinglio. Ele admite que historicamente se consubstanciou tal significado, que quase é assumido como exclusivo sentido *stictio sensu* do termo ecumenismo. Ou seja, ecumenismo teria que ver exclusivamente com a unidade dos cristãos no mundo. Porém, a reflexão por ele desenvolvida demonstra que nem assim se desenvolveu historicamente o ecumenismo, e nem que assim fosse contribuiria para um processo capaz de permitir sonhar em lutar para que se estabeleça um *novo mundo possível* — um mundo de cuidado com o meio ambiente, no qual caibam todas e todos, como ele afirma: “as aspirações mais antigas pela unidade da Igreja de Cristo nasceram do desejo de construção de um mundo solidário e fraterno”⁴.

Para ele, o ecumenismo só é possível como manifestação da unidade do Reino de Deus entre os humanos, e com esta afirmação ele explode as barreiras daquela noção tradicional. Pois, parte da constatação histórica da origem protestante do esforço para a unidade ecumênica, e nota que paulatinamente essa trajetória desembocará institucionalmente no Conselho Mundial de Igrejas, por um lado, e na abertura de setores romanocatólicos, até a adesão formal e institucional do catolicismo ao ecumenismo. A leitura dos processos históricos latinoamericano e brasileiro do

³ Ibid, p. 19.

⁴ Ibid, p. 20.

movimento ecumênico elucida qual é a base social de aceitação da proposta ecumênica, a saber, sua impregnação nos projetos populares de libertação e – também por isso – de sua rejeição por uma significativa parte das burocracias eclesiásticas. Numa espiral de ampliação da compreensão que irriga o leito do rio do ecumenismo à abertura para todos os que lutam em favor da justiça, da paz e da integridade da criação, para todas as crenças que favoreçam a realização destas notas utópicas.

Para Zwinglio, há uma proposta programática do ecumenismo contemporâneo:

O projeto que emerge dos valores da civilização ocidental, da oikoumene moderna plasmada a partir do surgimento do capitalismo, com sua ânsia de conquista e ocupação totalitária da oikoumene [a terra habitada] criada por Deus; e o projeto da oikoumene autêntica, aquela que se baseia na justiça em todas as relações humanas. Para este projeto de unidade se impõe também uma unidade de abertura e receptividade fraterna para com as religiões não cristãs. Estas multivariadas expressões humana frente ao mistério da vida e do cosmos vêm sendo, sistemática e continuamente desqualificadas, quando não totalmente erradicadas em nome da fé cristã. (...) Falar da unidade da casa de Deus, a oikoumene, implica levar a sério a experiência dolorosa que as outras famílias de Deus espalhadas pela terra dos homens tiveram de sofrer em seu contato com a família cristã-ocidental. (...) No caso da América Latina e do Brasil (...) trata-se de olhar com simpatia, atenção, fraternidade e reverência para as religiões populares de nosso continente, como são as expressões de religiosidade indígena e das manifestações dos cultos afro-ameríndios e afro-brasileiros.⁵

Primeiramente, há que se notar o giro ecumênico, como ele mesmo chama, que é dado, desde um eclesiocentrismo até a abertura à sociedade, incluindo aí as outras religiões. Então, ecumenismo não é mais um assunto interno e exclusivo dos cristãos, senão uma abertura ao diferente, ao Outro. Somente dessa forma, com ele, com ela, é possível aprender a construir

⁵ Ibid, p.112-113.

unidade, com inclusão e equidade. Ecumenismo se conjuga com a justiça, é um tema ético. Em segundo lugar, é necessário considerar a existência de um discurso hegemônico legitimador da dominação, da subordinação, orientado instrumentalmente pela lógica do mercado. Há, por conseguinte, a necessidade de uma *Ideologiekritik* que identifique e denuncie as armadilhas desta lógica. Precisa-se, por isso, perceber que a diversidade é um valor ecumênico. No caso latinoamericano e brasileiro, isso impõe abertura de corações e mentes ao universo popular, incluindo neste as religiões afro-ameríndias.

2.4. Uma crítica ao fundamentalismo e ao protestantismo

Uma leitura crítica, endógena, do protestantismo brasileiro é empreendida por Zwinglio. Para ele há duas tradições que marcam negativamente o protestantismo brasileiro, tornando-o uma subcultura encerrada em si mesma. Historicamente o protestantismo no Brasil cresce caudatário das experiências de implantação missionária do *evangelicalismo* do sul dos Estados Unidos. Ele traz para o Brasil as raízes de um fundamentalismo que cria a dupla tradição negativa: demoniza a cultura brasileira e, com isso, o catolicismo; e é politicamente conservador. Tais atitudes não impediram experiências históricas que desafiassem esse modelo hegemônico. Ao contrário, como exceções, que confirmam a regra, houve e ainda existem experiências dissidentes, abertas ao diálogo com a sociedade, solidárias com os empobrecidos e sedentas de transformação social em favor da justiça.

Essa crítica o faz refletir sobre a origem sócio-histórica do protestantismo brasileiro coberto de muitas inconsistências e contradições⁶. Nele há uma observação de natureza sociológica, relevante sobre este tema. Afirmar que por baixo da pele de todo protestante, qualquer que seja a sua denominação, há uma alma romano-católica. Ao revelar essa constante cultural, permite

⁶ Zwinglio DIAS. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina, p.48-49.

peceber, dentre outros comportamentos sociais, como a noção de hierarquia, presente no protestantismo tupiniquim, é parte da mundividência romano-católica. É descabido qualquer privilégio aos ministros ordenados, conforme a teologia reformada, pois o ministro ordenado é um entre os demais batizados, que cumpre apenas um serviço particular, o qual não lhe assegura privilégio algum. No entanto, no romano-catolicismo o ministro ordenado é quem detém o poder administrativo e simbólico na comunidade eclesial. Por contiguidade, as comunidades protestantes, devido à osmose cultural, absorveram este hábito funcional.

Essa incongruência cultural e esta assimilação hierárquico-funcional conformou o protestantismo brasileiro e latinoamericano a propostas alienantes do evangelicalismo estado-unidense, tal como o fundamentalismo, por exemplo. Tal interpretação leva Zwinglio a desenvolver um diagnóstico bastante crítico sobre este aspecto do protestantismo nativo:

Se o professor Mendonça está certo, ao afirmar que o Pentecostalismo tem por moldura teológica o Protestantismo de missão, com o que concordo, a inoperância social e política do protestantismo entre nós, por causa de sua ética individualista e sua cegueira em relação ao caráter decisivo das relações sociais, o coloca entre as forças que trabalham contra as dinâmicas de transformação e emancipação da sociedade brasileira. Se isto é verdade, não nos resta outra alternativa senão reconhecer que, no sucesso das iniciativas neopentecostais a que hoje assistimos, está presente a contribuição fundamental do protestantismo.⁷

Conforme essa interpretação, há uma retração ética por parte do protestantismo e do neopentecostalismo, alimentada pelas fontes fundamentalistas, conquanto sustenta posturas individualistas e de acomodação do *status quo*. O critério ético fundamental é a emancipação; uma religiosidade incapaz de gerar liberdade e emancipação é antiética. Há no protestantismo nativo — não apenas nele, porquanto outras experiências religiosas, dentre as quais o romanocaticismo, engendram a

⁷ Zwinglio DIAS. [org.] *Os vários rostos do fundamentalismo*, p.37.

mesma atitude ou atitude similar — este veio (e viés) antiético. Porém, esse diagnóstico não revela todo o cenário. Há que se esperar contra toda esperança, e ter clareza da possibilidade de um protestantismo capaz de animar aquelas e aqueles que lutam por uma humanidade florescente.⁸

2.5. Uma Ética Fundadora do Humano

Esse quefazer teológico tem um arraigamento no desejo. Como dizia Freud, e diz Rubem Alves, ambos repetindo Aristóteles, desejo só pode ser fruto da ausência. É do que não está presente que se tem desejo. O objeto de desejo só pode ser descoberto na medida em que permanece insaciada a nossa fome. Esta fome reúne uma frustração e uma busca do prazer. É essa mistura humana de nossos horizontes de possibilidade, *Tanathos e Eros*. É necessário reconhecer o *quantum* de frustração que a política, as relações sociais ordenadas a partir do sociometabolismo capitalista do Capital, as relações humanas produzidas sob a lógica da subordinação (de gênero, geração, étnica etc). Tal reconhecimento deveria revelar que há um desejo de outras relações sociais, o qual não é satisfeito pelas condições atuais. É este o impulso que nos leva adiante e não permite a acomodação.

Seria mais fácil uma concepção de tal ordem num mundo em que afirmássemos que a verdade e o erro, a correção e a incorreção, a justiça e a injustiça fossem tão evidentes, que estar num limbo entre um e outro estado de coisas seria absolutamente insatisfatório. No entanto, a realidade não é assim, tão límpida. Ao contrário, temos que reconhecer que nosso claroscuro é ainda mais desafiante. A luz diáfana que buscamos é parte do desejo, é parte da insatisfação criativa, da imaginação criativa que nos permite seguir além dos limites daquilo que se apresenta como a “última palavra”. Inexiste tal palavra. O que existe é a metáfora.

⁸ Zwinglio DIAS. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina, p. 62.

É da ordem das metáforas as reflexões que Zwinglio nos proporciona. Metáforas sobre a sociedade brasileira, sua história e suas construções sociais das experiências religiosas. São processos sociais dos quais participamos direta ou indiretamente, para os quais noções positivistas tais como objetividade e neutralidade são totalmente descabidas. O discurso teológico de Zwinglio, entretanto, nada tem de subjetivista. Ele partilha da noção da possibilidade do entendimento mútuo com base no melhor argumento, ainda que ele não seja um habermasiano. Ele nos apresenta a necessidade da investigação constante e da troca de saberes com o fito de obtermos a melhor interpretação possível dos fenômenos sociais.

A religião se apresenta como um fenômeno social multiforme. E alimenta a experiência humana na busca de conferir sentido à própria existência. A vida conclama esta configuração significativa, e a experiência religiosa responde a esta necessidade humana. E a esta experiência Zwinglio identifica que, ao contrário do prognóstico das teorias da secularização, do sucumbir da experiência religiosa na sociedade hodierna, o que temos é um revigorar-se de tal experiência. O desenraizamento humano, a que as sociedades tecnocráticas conduziram os seres humanos, apagando a consciência crítica e a viva consciência histórica, não eliminou o desejo de significar e ressignificar a existência, e a religião ainda é a agência social que cumpre esse papel.

Essa noção do caráter humanizador e mutualista (ético) da experiência religiosa o leva a fazer um juízo de valor sobre as experiências religiosas que se apresentam em resposta à ideologia consumista e individualista das sociedades tecnocráticas. Zwinglio avalia que as experiências religiosas do século XX, em especial no Brasil, porém não exclusivamente, desde o pentecostalismo tradicional a Paulo Coelho, estão todas arraigadas na mesma ideologia individualista, do Eu contra Nós. Trata-se de uma ênfase no autoconhecimento e na identidade solipsista que as experiências religiosas *de mercado* oferecem aos seres humanos que se encontram desenraizados do solo comunitário. Porém,

a experiência humana fundamental é da intersubjetividade, somos onticamente firmados como *falantes* (seres de linguagem, se preferirmos) que se comunicam, essa é nossa realidade intersubjetiva — mesmo nossa personalidade é conformada por meio de nossas interações, como revelaram, dentre outros, os estudos de Mead. Portanto, essa ideologia individualista, solipsista, é uma ilusão, uma distorção da realidade.

O elemento fundamental para que nossa mutualidade seja aceita, na concepção de Zwinglio, é a noção da precariedade da existência humana, de nossa mortalidade. Ser destinado à morte é um elemento que nos conclama à humildade, a não sucumbir à tentação da autoafirmação autocentrada. Isso deveria nos levar a escapar do desejo [oculto?] de domínio. Nossa fragilidade seria o campo aberto à nossa interação livre com outros humanos e com a natureza que nos cerca; permitiria tal consciência a emancipação em relação ao desejo de domínio. Resgatar a alteridade como elemento fundamental da experiência religiosa e ética é centrar nossa ocupação com a outra, o outro, e ter a alteridade como “condição essencial para a construção de uma sociedade verdadeiramente humana”.⁹

2.6. Calvinismo Sempre Repensado...

O pesquisador Zwinglio nunca abandonou suas fontes inspiradoras, dentre as quais Calvino e o calvinismo. Suas reflexões sobre a teologia calvinista são sempre estimulantes. Ele nota no reformador genebrino uma atitude de alegria. Alegria em receber a Graça copiosa que se revela na atitude humilde de uma igreja aberta à comunidade humana, uma igreja que não promove o isolamento, mas a mutualidade, o serviço mútuo. Ele identifica na biografia de Calvino a meta do ministério ordenado: humildade. Humildade revelada não apenas pelas condições modestas de vida do pregador, como também em sua atitude em proibir que se lhe colocasse uma lápide laudatória ao túmulo.

⁹ Zwinglio DIAS Não há você sem mim, e eu não existo sem você!, p. 24.

Como Lutero, Calvino, segundo Zwinglio Dias, nosso sábio coração voador revela um Deus totalmente outro, a partir das Escrituras. O Deus da revelação é um Deus *extra nos* que vem em nossa direção, como parceiro. O lugar de Deus é no futuro, é um Deus que está a ser e a vir a ser, ele não é, não se acomoda a nenhum padrão. Com Tillich, ele identifica esta ótica de Calvino com o espírito protestante (ou princípio protestante); ele recorda a necessidade de transformação constante — daí o dístico: *ecclesia reformata et semper reformanda*. Calvino, por isso, viveu em conflito com a instituição eclesiástica, para que ela não sucumbisse aos interesses políticos que governavam Genebra. Nem sempre teve êxito.

Nos 500 anos de Calvino, celebrados em 2010, Zwinglio mergulhou ainda mais na biografia e na teologia do reformador de Genebra. Por isso, esteve, também, no México, participando de atividades acadêmicas em celebração deste evento. Pode notar que a mensagem de Calvino, conquanto atual, possui, *comme il faut*, as marcas de seu tempo, porém traz algumas inspirações fundamentais. Dentre essas inspirações a noção de precariedade da instituição eclesiástica e de sua abertura à transformação é uma das mais fundamentais. Para ele, essa é uma necessidade constante, que pode livrar aquelas e aqueles que nas instituições se abrem ao movimento do Espírito a não sucumbirem às honrarias que as instituições são contumazes em oferecer.

Não há em Calvino, conforme as interpretações que Zwinglio constrói, um reformador austero e solapador das interações humanas. A noção propalada por Weber do ascetismo protestante não é um fato inerente à biografia de Calvino. Calvino oferece uma teologia que discute o sistema de juros, indica que os juros não são exatamente, como afirmava o tomismo — antes dele o aristotelismo —, um vício (a usura). Ele indica que a questão está na atividade desumana de usar os juros para vilipendiar os pobres. Os juros não podem estar acima do valor da vida. Esta interpretação de teologia da economia presente em Calvino não está reconstruída, ainda. E Zwinglio, como alguns outros, já a identificou e partilhou.

Considerações Finais

O pensamento teológico de Zwinglio ainda está aberto. É um pesquisador muito lúcido e a oferecer contribuições para a reinterpretação da sociedade brasileira, do campo religioso, do protestantismo no Brasil e dos desafios éticos e políticos contemporâneos. É sempre uma tarefa nada fácil realizar uma apreciação de um autor que mantém firme sua escrita. Mais ainda quando a prática que realiza é também viva. Partilho com Zwinglio, e outros companheiros, como Rafael Oliveira, Anivaldo Padilha, Carlos Cunha (*in memoriam*) e Paulo Ayres a criação de *KOINONIA – Presença Ecumênica e Serviço*. Em *KOINONIA* partilhamos sonhos, práticas sociais e atrevimentos diversos. Temos agido com vistas a uma sociedade justa e libertária.

As práticas sociais de Zwinglio o levaram aos cinco continentes. Ele pode experimentar a inserção de diferentes faces das lutas em favor dos direitos. O olhar da luta pela vida a partir da ótica dos empobrecidos do mundo permitiu notar quão injusta é a conformação do sistema Capitalista — hoje decantado por diferentes setores da sociedade mundial com a única resposta socioeconômica possível. A afirmação da possibilidade de humanização do Capitalismo, até onde a experiência e o relato da experiência de Zwinglio permitem perceber, é um autoengano digno de pena. Trata-se de um discurso ideológico com o único fito de legitimar a hegemonia sistêmica.

É o mesmo sistemamundo que produz bilhões de seres humanos famintos e alguns milhões de obesos. E terminamos com a contradição da mortalidade fruto das doenças decorrentes da inanição e da sobrealimentação. Um mundo no qual as condições técnicas para a produção de alimentos suficiente para alimentar toda a população mundial estão dadas, resta apenas a criação das condições políticas (políticas econômicas) para que esta finalidade seja cumprida. Um mundo no qual o meio ambiente reclama cuidado, e temos um comportamento social e um modo de produção que apenas é capaz de gerar mais desastres ambientais, sem que se

conduza a uma solidariedade efetiva com as gerações futuras — conduzindo a presente geração à beira do suicídio coletivo.

Esse diagnóstico sombrio, ousado afirmar, compartilho com Zwinglio. Também com ele compartilho a esperança que esta é apenas uma das faces da sociabilidade humana. Há, também, a capacidade de reagir das maiorias empobrecidas, os mecanismos sociais de resistência, construídos pelos movimentos sociais, e a possibilidade de transformação — sempre aberta. Afinal, mesmo quando o pensamento único do neoliberalismo se apresentava no auge de sua arrogância, houve a possibilidade de questioná-lo e identificar como *um outro mundo é possível*, também com as mobilizações que resultaram no Fórum Social Mundial, dos quais Zwinglio e eu participamos de algumas edições.

Zwinglio Dias é um dos atores do movimento ecumênico no Brasil relevante para o Conselho Mundial de Igrejas. Neste Conselho ele participou da unidade de Missão Urbana e Rural. Por meio dessa unidade, ele contribuiu com diversos movimentos sociais que nasceram na luta em favor dos direitos humanos, em diferentes coordenadas do planeta. Teve, também, a capacidade de criar mecanismos de reflexão sobre os saberes populares e seu papel na afirmação da justiça e da paz no planeta. A partir de suas atividades, pôde contribuir para que os temas da diversidade religiosa e do diálogo inter-religioso não escapassem à agenda ecumênica, como parte do próprio legado dessa agenda, desde a ótica dos povos oprimidos.

Tenho participado com Zwinglio de alguns empreendimentos acadêmicos e de educação popular que têm sido fundamentais para a minha formação. Ele trouxe para o Brasil um curso de teologia pastoral coauspiciado pelo Seminário Teológico McCormick e por *KOINONIA*. A elaboração da proposta do curso tomou-nos um tempo precioso. Dedicamo-nos a discutir quais os aspectos da reflexão teológica que deveriam constar numa proposta de especialização como a que tínhamos em mente: teologia pastora para o serviço ecumênico em favor dos movimentos sociais emancipatórios.

Nossas reflexões nos conduziram a algumas noções que passo a partilhar, à guisa de considerações finais, e com a vênua de Zwinglio Dias, a quem não consulte sobre essas notas a seguir. Tenho três blocos de temas que advêm daquela experiência, olhando para egressos do curso, e refletindo sobre o significado que teve para mim participar daquele processo de formação. Deve, efetivamente, ter sido uma experiência de valor. Uma das características dessa relevância pode ser percebida pelo fato de Clodovis Boff, à época que defendia o discurso da teologia da libertação, ter-nos citado como um dos cursos apreciáveis pela seriedade, em sua obra *Metodologia Teológica*.

O primeiro bloco de questões diz respeito à noção de produção de conhecimento para a democratização, pois para mim há um déficit na produção de conhecimento democratizador que cursos como aquele cumpriam. Um segundo tema é a questão da teologia do pluralismo religioso como uma necessidade para a construção de práticas sociais libertadoras. Finalmente, uma questão basilar: a amizade como instituição política persistente na história ocidental e fundamental para processos de ação social que inspirem a liberdade e a emancipação.

Quando nos aventuramos a construir aquela experiência, havia nenhuma ou quase nenhuma especialização *lato sensu* na área teológica. Criamos aquela possibilidade mesmo tendo consciência das dificuldades gerenciais para a manutenção de tal experiência. Porém, tínhamos consciência da necessidade de responder ao desafio da democratização da sociedade brasileira por meio da produção de um conhecimento que atendesse àquelas lacunas cognitivas que percebíamos comuns aos agentes de pastoral e seus correlatos do mundo protestante. Primeiramente, nos parecia haver um déficit cognitivo em relação ao campo religioso brasileiro. A diversidade religiosa e suas dinâmicas eram desconhecidas pelas pessoas como parte do patrimônio cultural nacional.

Para alguns, a diversidade religiosa se apresenta como uma experiência exterior, sem maiores afecções. Para outros, como

uma experiência ameaçadora. Traduzir a diversidade religiosa em possibilidade de mútuo enriquecimento para aquelas e aqueles que estão alocados nas diferentes experiências religiosas é um desafio. É um desafio que possui três ingredientes que possibilitam sua superação. O primeiro é o reconhecimento da comunidade de linguagem das pessoas que comungam da afirmação da experiência religiosa, há um sabor místico degustado em comum, uma flauta mágica ouvida em comum por todos. Traduzir essa experiência comum em dialogicidade é o desafio. Um segundo elemento favorecedor à superação das duas atitudes negativas, indiferença e belicosidade, é a presença social das religiões, em especial na resposta aos dilemas angustiantes da vida. Toda experiência religiosa produz uma resposta ao sofrimento humano, em alguma dimensão, e esta resposta precisa ser compreendida como uma chave de leitura para a abertura do humano à experiência extraordinária. Finalmente, as experiências religiosas são alimentadoras de convivência comunitária, ou seja, para além da comunidade de linguagem, elas realizam comunidades de vivência. Considerar esses elementos comuns às diversas experiências religiosas, do ponto de vista filosófico, ético, psicossocial é uma necessidade para ultrapassar-se o modelo de investigações do campo religioso que apenas reificam a institucionalização das experiências.

Essa produção de um conhecimento da diversidade religiosa rompendo com as barreiras do religionismo permite, desde o meu ponto de vista, a ampliação dos processos democratizantes nas sociedades. As religiões não são a única chave para a democratização das sociedades, até muitas vezes podem cumprir o papel antidemocrático, favorecendo às mentalidades hierarquizadas. O comportamento autoritário/subordinado pode ser referendado pelas experiências religiosas. Porém, a compreensão da diversidade das experiências religiosas como um valor pode ter um efeito transformador nas mentalidades e atitudes daquelas pessoas que participam de tais experiências.

Essas noções acima permitem transitar para o segundo bloco. A teologia do pluralismo religioso é uma novidade no

cenário teológico brasileiro, ainda que teólogos, como Faustino Teixeira, há mais de duas décadas se dediquem ao tema. Ademais, no Brasil, o tema deveria estar muito mais afeito às experiências religiosas ameríndias e afro-ameríndias. Por isso, o curso de teologia pastoral identificava na possibilidade do conhecimento das religiões afro-brasileiras uma necessidade do ponto de vista de uma teologia cristã do pluralismo religioso em coordenadas brasileiras. Na verdade, mais que isso. Uma perspectiva teológica do pluralismo religioso precisava admitir que, também no campo semântico das religiões, a verdade é um *consenso*. Compreendamos essa afirmação.

As religiões têm, em geral, uma teoria da verdade da correspondência. Afirmar que Deus existe é indicar que existe um ser que é equivalente à ideia que minha mente dele faz — afinal, este é, em parte, o argumento ontológico de Anselmo. Falar que as religiões devem estar abertas a uma teoria da verdade como consenso é assumir que Deus é um artifício da linguagem humana para uma experiência que precisamos nominar, porém tratar-se-ia de uma experiência extralinguística (se assim quisermos). Trata-se da nossa experiência extraordinária, que tem sentido por explicar o inexplicável. Como diz Habermas, a linguagem religiosa ainda tem o que dizer.

Por conseguinte, afirmar que Deus é não é mais que dizer que nossa experiência religiosa, algo extraordinário, nos indica, como atores da experiência social religiosa, que Deus é. Porém, essa proposição é apenas significativa se pudermos experimentar coletivamente o senso de verdade que expressamos. Se conseguirmos estabelecer entendimento mútuo dessa experiência, haverá significado da mesma. Na minha concepção, isso é possível na medida em que concebemos as diferentes experiências religiosas, possibilitadoras de uma aproximação do Sagrado, capaz de ser nominada, metaforicamente, como essa verdade que nos sustenta: Deus. Essa é parte de minha concepção do fundamento filosófico da teologia do pluralismo religioso e de como ela deve ser constituída.

O último bloco, fundamental para mim, refere-se à questão política básica: a amizade. Ninguém é amigo impunemente. A sabedoria popular afirma isso: digame com quem andas... Os gregos concebiam a amizade como parte da vida em sociedade, por isso, para eles, naquela sociedade androcêntrica e patriarcal, os homens só poderiam ser amigos de outros homens. Zwinglio é alguém que rompe com todas as noções históricas de amizade. Ele é um sujeito amistoso. Ele se entrega à formulação e fabulação das amizades. Forja amigos por onde quer que vá e com a capacidade de nos fazer — temos o privilégio de sermos contados neste círculo, por mais extenso que ele seja — sentir como pessoas singulares com quem ele partilha algo fundamental da própria existência.

A experiência do curso de pós-graduação em teologia era marcada por essa atitude existencial. Ele é um bom ouvinte e, também, um bom ser de diálogo. É realmente significativo ouvi-lo em uma simples troca de ideias, ou numa conferência acadêmica. Ter algo a dizer não é falar muito — o que algumas vezes somos levados a fazer —, senão falar com sentido ao coração de quem ouve. Tenho apreciado trabalhar com ele em diferentes ocasiões. Todas essas ocasiões têm sido experiências de aprendizagem. Nossas trocas de saberes permitem viajar, porque o respeito pelo saber do interlocutor nunca lhe escapa, por mais insignificante que pudesse parecer aos olhos de outrém.

Um elemento da instituição política da amizade é a relação de confiança. Um amigo é alguém em quem se pode confiar. Creio que nessas ações educativas em que convivi com o Zwinglio pude notar que buscamos espalhar essa criação humana, a amizade. Ninguém ensina amizade? Creio que não, poderíamos parar e refletir mais sobre o assunto, porém não tenho o interesse em refletir sobre isso nesse espaço. Porém, independente de ser algo ensinável ou não, algo que se possa aprender ou não — desconfio que possamos aprender a ser amigo. Ações humanas podem ser aprendidas, a amizade é

um modo humano de agir. Então, as ações humanas são partilháveis e passíveis de serem aprendidas, ainda que não sejam uma forma de conhecimento. Por outro lado, sabemos que ninguém seria amigo de alguém intratável (*Fedro* 264a), logo aceitamos ser amigos de pessoas sociáveis. E a socialização básica da amizade tem que ver com a construção de redes sociais de solidariedade.

A amizade é um dos elementos de nossa própria liberdade. Sem amizade não há como construir processos de emancipação — ou ainda que os exista, serão muito mais desagradáveis sem amizade. Amizade é fundamental para a partilha. Partilhar conhecimento, partilhar uma boa cachaça mineira, partilhar a mesa do amigo. Essas experiências são absolutamente necessárias. Podemos ser éticos e buscar entendimento mútuo sem amizade, mas não podemos viver sem ter amigos. Os amigos e as amigas são tão necessários como o ar que respiramos? Não, eles não são assim. Eles são tão necessários como poder ver um belo pôr-do-sol, ouvir uma música que nos sensibiliza, degustar um bom vinho. A necessidade da amizade não está em sua imprescindibilidade, está na sua querência. É por isso que ninguém é obrigado a ser amigo, porém de quem se quer ser amigo aí há uma inevitável cumplicidade, uma *communitas conspiratio*, para conspirar em favor da vida, em meio à proscricção, no Templo (et tempus) do Mercado.

Last but not least, Zwinglio é também um grande companheiro de beberagens adocicadas da boa cachaça mineira. Dessa partilha nasceu a admiração e com ela o compadrio, por isso tenho em Amadeus um afilhado querido. De Zwinglio, como das personagens significativas, tudo o que se puder dizer é pouco, e nada do que se disser é adequado o suficiente. Espero ter instigado a quem ainda desconhece a obra aberta deste autor o desejo de conhecê-la, e a quem a conhece espero não ter contrariado em relação às suas interpretações mais escorregadas. Porém, algumas palavras finais ainda precisam ser usadas para oferecer uma correta

descrição, ou mesmo uma chave de leitura para a obra de Zwinglio Dias e sua aventura histórica; como me faltam, as tomo emprestadas ao poeta Mario Benedetti:

no me seduce
el burdel del poder/
prefiero el outro

Referências

DIAS, Z. & TEIXEIRA, F. *Ecumenismo e diálogo interreligioso*. Aparecida: Santuário, 2008a.

DIAS, Z. (org.) *Os vários rostos do Fundamentalismo*. S. Leopoldo: CEBI, 2008b.

_____. Para uma comunidade ecumênica solidária e cidadã. *Estudos Teológicos*, 45 (2), 2005a, p.49-60.

_____. Notas sobre a expansão e as metamorfoses do protestantismo na América Latina. *Numen*, 3, 2005b, jul-dez, p.47-62.

_____. ... Não há você sem mim, e eu não existo sem você!. *Tempo e Presença*, 27 (344), 2005c, p.23-28.